

Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva,
Ana Vieira e Cristóvão Margarido (orgs.)

Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária

Estar dentro e estar fora
para mediar e intervir



**Ricardo Vieira
José Marques
Pedro Silva
Ana Vieira
Cristóvão Margarido
(Orgs.)**

**DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL
À MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA.**

**Estar dentro e estar fora
para mediar e intervir**

 **Edições
Afrontamento**

Título: Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária.

Estar dentro e estar fora para mediar e intervir

Organizadores: Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido

© 2018, Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira, Cristóvão Margarido e Edições Afrontamento

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-1695-8

Colecção: Textos/143

Depósito legal: 448397/18

N.º edição: 1905

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Comercial@companhiadasartes.pt

Novembro de 2018

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeiria

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Índice

Introdução	7	
<i>Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido</i>		
I PARTE		
Intervenção Social e Mediação Comunitária	13	
Capítulo 1		
Da evolução do brincar na Criança ao interculturalismo: notável paralelismo	15	
<i>Rui Matos</i>		
Capítulo 2 – Vidas de rua: a mediação na (re)construção de projetos de vida		25
<i>Cátia Matias e Ricardo Vieira</i>		
Capítulo 3 – Da mediação intercultural num GAAF		45
<i>Patrícia Simões e Ana Maria Vieira</i>		
Capítulo 4 – Intervenção Social com famílias de afeto nas casas de acolhimento para crianças/jovens em perigo		61
<i>Sónia Santos e Cristóvão Margarido</i>		
Capítulo 5 – A mediação e a violência doméstica: do trabalho social com os agressores		79
<i>Sandra Ribeiro e Ricardo Vieira</i>		
Capítulo 6 – Avós e netos: educação, comunidade e solidariedade intergeracional		101
<i>Rosa Maria da Exaltação Coutrim e Pedro Silva</i>		

II PARTE

Investigação, Desenvolvimento e Mediação Comunitária..... 119

Capítulo 7 – Em torno da diversidade: lugares, dinâmicas e investigação 121
José Carlos Marques e Luís Baptista

Capítulo 8 – Políticas municipais para a inclusão social. Da mediação intercultural à mediação comunitária: mesa redonda / focus group com as Câmaras da Batalha, Leiria, Marinha Grande e Pombal..... 127
Ricardo Vieira e Nelson Araújo

III PARTE

Estar Dentro e Estar Fora para Mediar e Intervir 175

Capítulo 9 – Desenvolvimento, Educação e Direitos Humanos..... 177
Laborinho Lúcio

Capítulo 10 – Mediação e autonomia de crianças e jovens no sistema de acolhimento 191
Maria João Leote Carvalho

Capítulo 11 – Políticas sociais, mediação intercultural e intrapessoal com jovens institucionalizados..... 207
Paula Costa, Ricardo Vieira e Rui Santos

Capítulo 12 – A operatividade do conceito de Território Psicotrópico na intervenção comunitária..... 233
José Luís Fernandes

Sobre os autores 243

Sobre os organizadores 249

.....	119
.....	121
.....	127
.....	175
.....	177
.....	191
.....	207
.....	233
.....	243
.....	249

Introdução

Este constitui o terceiro volume de uma série dedicada à problemática da mediação intercultural e intervenção social. Se os dois livros anteriores se centraram nas conceções, práticas e pedagogias da mediação intercultural (Vieira *et al.*, 2016, 2017), este confere especial relevo à mediação comunitária e ao posicionamento teórico-prático do mediador-interventor enquanto tendo de estar dentro e estar fora para mediar e intervir.¹

O termo comunidade, como qualquer outro, é polissémico, ao que acresce ele constituir um conceito central nas ciências sociais e humanas, sobre o qual muito e de há muito se tem escrito. Em si contém a ideia de algo em comum ou de «qualidade do que é comum»². As comunidades podem apresentar uma delimitação física reconhecida, como no caso de uma aldeia ou de um bairro urbano, mas podem remeter igualmente para uma partilha de ideias ou valores, como na adesão a uma congregação religiosa, um clube desportivo ou um grupo de debate, onde a geografia se pode revelar inútil. Em todo o caso, haverá sempre uma fronteira, por porosa, mutável e mesmo relativamente invisível que seja. É ela que permite traçar a linha separadora entre o «nós» e os «outros», os *insiders* e os *outsiders*, ou, como salientamos no subtítulo da presente obra, entre o «estar dentro» e o «estar fora». É com base neste tipo de distinções – toda a identidade pressupõe uma alteridade – que se constroem e reconstroem as interações sociais quotidianas. A presunção etnocêntrica de que diferentes são os outros – e não que «a diferença somos nós», como provocatoriamente sustentam Stoer e Magalhães (2005) – tem-se traduzido num conjunto amplo de tensões e intenções.

⁽¹⁾ O que constituiu o tema das, respetivamente, 4.^a e 5.^a Conferências de Mediação Intercultural e Intervenção Social ocorridas na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS-IPLeia) nos dias 7 de janeiro e 25 de novembro de 2017.

⁽²⁾ In Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Consultado em 16.07.2018 e disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunidade>.

Hoje em dia são cada vez mais frequentes ações que reforçam, dão continuidade ou contestam a distinção entre estar fora/estar dentro. Ou seja, são cada vez mais quotidianas as ações que procuram acentuar a diferença entre os grupos (a manutenção e reforço do 'estar fora') e as ações que procuram promover a aproximação entre grupos (isto é fomentar processos de 'estar dentro'). Está-se, deste modo, perante a crescente problematização do binómio 'estar dentro' / 'estar fora' que nos surge em várias áreas da vida em sociedade (embora em diferentes configurações). Por exemplo, no sistema económico através do código que diferencia entre quem tem e quem não tem. Ou, no caso da população de um país, entre os que têm a cidadania desse país e os que não têm essa cidadania (ou seja, entre os nacionais e os estrangeiros). Esta última distinção é central nas atuais sociedades em que a multiculturalidade se intensificou. É precisamente nesta distinção entre cidadãos nacionais e estrangeiros que hoje se denotam fortes sinais de contestação. Esta é visível quer nos que estando fora (ou seja, estrangeiros) pretendem estar dentro (como o caso dos potenciais imigrantes, ou dos requerentes de asilo), quer nos que estando dentro (os cidadãos) procuram que esta pertença os acompanhe mesmo nos espaços em que 'estão fora'. No primeiro caso, as políticas de imigração e integração pretendem gerir os que podem e não podem 'estar dentro' e integrar na sociedade aqueles que o Estado-nação considera poder 'estar dentro'. No segundo caso, as políticas de emigração direcionam-se, cada vez mais, a alargar os direitos daqueles que, sendo de dentro, se encontram fora e, assim, a construir uma cidadania extraterritorial. Em ambos os casos, a fronteira entre os que estão dentro e os que estão fora assume um lugar central. Mais do que permitir a separação entre territórios, a fronteira produz processos de diferenciação entre os indivíduos – basta lembrarmo-nos da forma como interagimos com os que nos são estranhos e que se encontram distantes. A fronteira é, assim, constituinte da ação desenvolvida pelas pessoas (e pelos grupos) e quanto mais próximos (em termos de espaço e tempo) se tornarem aqueles que consideramos 'estrangeiros', mais evidente se torna a fronteira que se pretende erguer para controlar esta proximidade. Esta fronteira, muitas vezes apenas imaginada (mas nem por isso menos real nos efeitos que produz), é o símbolo da pertença e da exclusão e é interessante observar como ela pode ser mobilizada para excluir os que estão dentro de um território nacional (os imigrantes, por exemplo) e incluir os que estão fora (os emigrantes, por exemplo). Em resultado desta sua dupla função, as fronteiras são, frequentemente, «pontos de fricção» pelo que se torna necessária uma mediação que consiga compreender os dois lados da fronteira (que consiga estar dentro e estar fora sem ignorar que existe uma diferença entre estes dois lados) para promover estratégias de intervenção social eficazes que permitam sustentar o diálogo e a interação entre as pessoas.

A Parte II intitula-se *Investigação, Desenvolvimento e Mediação Comunitária* e contém dois capítulos, ambos com características especiais. O Capítulo 7, de José Marques e Luís Baptista, encontra-se dividido em duas secções. Na primeira é-nos oferecida uma reflexão sobre possibilidades de abordagem da *diversidade*, ou, como é referido, das diversas diversidades («a diversidade da própria diversidade»): étnica, religiosa, de género, de classe, de capital humano, de sexualidades, de idade ou geração, de nacionalidade ou de localização, entre outras. Pressupondo que este amplo leque de diversidades constitui uma constante das sociedades hodiernas, propõe-se «às instituições e às sociedades a necessidade de reflexão sobre novas formas de gestão das diferenças e de desenvolvimento de relações entre os vários grupos e subgrupos que compõem a sociedade.» Na segunda secção deste capítulo os autores refletem sobre a relação entre a aquisição de competências interculturais, a produção de conhecimento e a sua transmissão social a partir de um caso concreto: o CICS.NOVA (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais).

O Capítulo 8 aborda um aspeto particular da intervenção e mediação comunitárias: a intervenção e mediação autárquicas. O capítulo, organizado por Ricardo Vieira e Nelson Araújo, faz uma primeira abordagem à intervenção social no contexto do poder local, ou seja, no âmbito dos territórios municipais, a que se segue a transcrição de uma mesa redonda/*focus group* em que participaram representantes (dois presidentes, uma vice-presidente e uma vereadora) de quatro câmaras municipais sobre o modo como as suas autarquias lidam com o fenómeno da multiculturalidade e da mediação intercultural. Segue-se o debate com interpelações do moderador e do público e ainda comentários dos organizadores do capítulo. Como é ali afirmado pelos dois organizadores: «A mediação comunitária surge como o corolário da mediação intercultural uma vez que se trata de a aplicar a uma comunidade que habita determinado município ou outro território.» Trata-se, em suma, de um capítulo dinâmico, escrito a várias vozes (na primeira, através dos diversos «palestrantes»; e na terceira, pelos organizadores), no fundo, multi-autoral, onde o diálogo intercultural se mescla simultaneamente em forma e conteúdo.

Na Parte III, sob o título (da 5.^a Conferência) de *Estar Dentro e Estar Fora para Mediar e Intervir*, deparamo-nos com quatro capítulos. No Capítulo 9, Laborinho Lúcio oferece-nos uma interessante reflexão sobre a articulação entre desenvolvimento, educação e direitos humanos. No Capítulo 10, Maria João Leote Carvalho reflete sobre mediação e autonomia de crianças e jovens no sistema de acolhimento residencial, dando conta do percurso cada vez mais errático e longo dos jovens até atingirem a emancipação, questão que revela uma maior acuidade no sistema de acolhimento. O Capítulo 11, de Paula Costa,

volvimento e Mediação Comunitária - características especiais. O Capítulo 7, dividido em duas secções. Na primeira abordagem da diversidade («a diversidade da profissão, de classe, de capital humano, de nacionalidade ou de localização, entre outras diversidades constitui uma constante nas instituições e às sociedades a gestão das diferenças e de desenvolvimento e subgrupos que compõem a comunidade»). Os autores refletem sobre a relação cultural, a produção de conhecimento em um caso concreto: o CICS.NOVA

da intervenção e mediação comunicativas. O capítulo, organizado por primeira abordagem à intervenção no âmbito dos territórios municipais, em uma sessão/focus group em que participou (vice-presidente e uma vereadora) como as suas autarquias lidam com a mediação intercultural. Segue-se o debate público e ainda comentários dos autores pelos dois organizadores: «A importância da mediação intercultural uma vez que habita determinado município». Um capítulo dinâmico, escrito por dois «palestrantes»; e na terceira sessão, onde o diálogo intercultural se desenvolve.

temática) de *Estar Dentro e Estar Fora* em quatro capítulos. No Capítulo 9, uma reflexão sobre a articulação entre jovens. No Capítulo 10, Maria João a autonomia de crianças e jovens no sistema do percurso cada vez mais errática participação, questão que revela uma mudança. O Capítulo 11, de Paula Costa,

Ricardo Vieira e Rui Santos, segue o mesmo trilha – jovens que tenham vivido uma situação de institucionalização residencial – através de um dispositivo etnobiográfico que procura entender o percurso de quatro jovens. No último capítulo, José Luís Fernandes, a partir da sua própria experiência de vida (pelo que usa, em coerência, a primeira pessoa do singular), discorre acerca do conceito de «território psicotrópico», elucidando como termos afins foram variando ao longo do tempo, assim como os seus pressupostos, e ainda acerca da operacionalidade do conceito no contexto da mediação comunitária.

Em suma, estamos perante uma obra com capítulos e autores diversos que tenta, por um lado, aprofundar a problemática da intervenção social e da mediação intercultural, em particular a que reveste a forma de mediação comunitária, e, por outro, frisar a necessidade de romper com o dualismo objetivo/subjetivo e de se buscar uma postura de estar dentro e estar fora enquanto epistemologia de mediação-intervenção ou de intervenção mediadora. Este aprofundamento torna-se possível através do contributo de textos de natureza diversa: uns com um cunho mais teórico; outros através de uma conceptualização que resulta diretamente de experiência de vida ou de pesquisa empírica (socorrendo-se de dispositivos metodológicos vários, mas, de um modo geral, de natureza fenomenológica); outros ainda através do discurso direto, nomeadamente através de uma mesa redonda/focus group e respetivo debate. Esperamos que este livro «abra o apetite» a mais reflexões e pesquisas nas áreas em causa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- STOER, S. e MAGALHÃES, A. (2005). *A Diferença Somos Nós – A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R.; MARQUES, J.; SILVA, P.; VIEIRA, A. e MARGARIDO, C. (Orgs.) (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1486-2.
- VIEIRA, R.; MARQUES, J.; SILVA, P.; VIEIRA, A. e MARGARIDO, C. (Orgs.) (2017). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1615-6.

Ricardo Vieira
José Marques
Pedro Silva
Ana Vieira
Cristóvão Margarido